

OS MORTOS DE SOBRECASACA E A FORMAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO NACIONAL

Laís Iaci Mirallas de CARVALHO¹
Marcio Roberto PEREIRA²

RESUMO

Álvaro Lins (1912-1970), foi um importante crítico literário do modernismo brasileiro que marcou o século XX pela grande influência de seus escritos. Em 1963, publicou *Os Mortos de Sobrecasaca: obras, autores e problemas de literatura brasileira. Ensaios e estudos 1940-1960*, que traz no subtítulo suas preocupações em construir um balanço sobre o legado modernista para a literatura e a cultura no Brasil. Esta obra possibilita uma visão esquemática e evolutiva do processo de produção literária, uma vez que indica um exame sobre os vinte anos de amadurecimento das propostas modernistas a partir de uma reflexão que se organiza como uma história da literatura brasileira baseada nos principais escritores do cânone literário nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Álvaro Lins. Crítica Literária. Modernismo.

OS MORTOS DE SOBRECASACA AND THE FORMATION OF THE NATIONAL LITERARY CANON

ABSTRACT

Álvaro Lins (1912-1970), was an important literary critic of Brazilian modernism that marked the twentieth century by the great influence of his writings. In 1963, he published *Os Mortos de Sobrecasaca: obras, autores e problemas de literatura brasileira. Ensaios e estudos 1940-1960*, that brings in the subtitle his concerns in building a balance on the modernist legacy to literature and culture in Brazil. This work makes possible a schematic view of the evolutionary process of literary production, because it indicates an exam about the twenty years of ripening of modernist proposals from a reflection that is organized as a history of Brazilian literature based on leading writers of the national literary canon.

KEYWORDS: Álvaro Lins. Literary Criticism. Modernism.

1. Introdução

Álvaro Lins se dedicou com maestria ao ofício da crítica literária em seu tempo, acompanhando não só os principais eventos da vida literária e cultural do Brasil como também do mundo, focando especialmente na análise de obras lançadas e autores em pleno exercício de produção. Entre os anos de 1941 e 1963, colecionou em sete volumes, intitulados *Jornais de Crítica*, uma importantíssima parte de seus escritos que demonstram sua grande contribuição jornalística à crítica literária brasileira do período. Esses artigos e ensaios foram publicados originalmente nas páginas de jornais, principalmente nos rodapés semanais do importante jornal diário carioca *Correio da Manhã*.

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Câmpus de Assis. Bolsista CNPq/PIBIC.

² Doutor em Letras pela UNESP/Assis. Pós-doutorado em Letras pela UNESP/Araraquara. Docente do Departamento de Literatura do curso de Letras da UNESP/Assis.

O crítico atuava como um diretor de orientação e consciência com astúcia e profundidade de análise, visto que emitia juízos de valores consagrando ou rechaçando estreias e lançamentos literários. Lins possuía características e estilos próprios: extrema sensibilidade literária e intuição aguçada, juntamente com uma personalidade crítica inerente, maturidade intelectual e moral, formação multicultural e atenta supervisão ao valor literário. Acreditava que a ele era incumbida uma missão de cunho ético, pela experiência adquirida em seus estudos e leituras, ensinar os outros a ler apreciando a arte da verdadeira literatura, devido a isto era considerado um exímio formador de opiniões.

2. A formação do panorama literário modernista

A década de 1940 foi a mais produtiva para a crítica de Álvaro Lins, já nos anos de 1950 atuou mais diretamente na política e na década de 1960 dedicou-se a reeditar sua obra. Em 1963 publicou um conjunto de ensaios sobre crítica literária *Os Mortos de Sobrecasaca: obras, autores e problemas de literatura brasileira. Ensaios e estudos 1940-1960*. Nesta obra o crítico reuniu diversos artigos oriundos dos Jornais *de Crítica* para construir o cânone literário modernista baseado nas suas concepções de análises e julgamentos de valor, que de acordo com o estudioso Antonio Candido é o seguinte:

É a determinação, na obra literária, daquilo que é eterno, que transcende às contingências. O Sr. Álvaro Lins está certo de pensar deste modo. A literatura, como a arte, tem razão de ser na medida em que significa uma fixação de certos elementos que vençam o tempo e se coloquem acima da sua realidade. Pensando assim o seu método é consequentemente o de uma penetração de essências, o trabalho crítico, se perfazendo com a revelação do núcleo absolutamente significativo de uma obra, a crítica se tornando uma aventura da personalidade, um esforço para inserir na mesma ordem de que participa a essência da obra literária. (CANDIDO, 1943, p.17).

O livro *Os Mortos de Sobrecasaca* reúne ensaios cuja predominância temática é a literatura brasileira, e o crítico não reúne apenas os escritores canônicos, faz também análises acerca de obras e autores que ainda não atingiram o ideal valor estético, e os classifica como “problemas”. Estas críticas são frutos de imensa dedicação e revisão, visto que a reformulação dos artigos foi feita devido a sua preocupação com forma e estilo, demonstrando assim o compromisso do crítico com a arte da verdadeira literatura. Reunindo seus artigos publicados anteriormente nas páginas de jornais o crítico conseguiu um grande feito: levar sua crítica a posteridade, uma vez que o livro significa tentar vencer o tempo, desacelerar seu curso, e um escritor como ele, com tamanha vontade de perdurar, não restaria outra saída senão fugir do jornal para o livro e entrar para a história com as suas convicções.

Logo no título o autor antecipa seu propósito: os mortos de sobrecasaca faz referência ao poema de Carlos Drummond de Andrade (2012) que conta a história de um álbum de velhas fotografias onde todos se debruçavam “na alegria de zombar os mortos de sobrecasaca”, depois um verme roeu as sobrecasacas, as páginas, as dedicatórias e nada ficou do velho álbum, somente uma coisa ficou “um soluço imortal de vida”. A metáfora do título do poema intitula perfeitamente a obra de Álvaro Lins, pois o autor recorta os melhores escritores da época que graças a sua grandeza conseguiram ultrapassar as peripécias do tempo e sobreviver imortalmente no cenário da literatura e da poesia brasileira ao longo dos anos.

A trajetória crítica de Álvaro Lins em *Os Mortos de Sobrecasaca* é dividida em cinco partes e cada uma delas possui a essência do seu pensamento sobre o modernismo. Inicia-se com a poesia, que intitula: “LARGUEZAS DE FONTEIRA PARA A POESIA MODERNA”, onde são analisados os autores Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Raul Bopp e Augusto dos Anjos.

O primeiro a ser estudado é Carlos Drummond de Andrade, dito por Álvaro Lins como definição do nosso tempo. Drummond é escolhido por um motivo característico: porque escreve muito bem em prosa e, no entanto, ao escrever versos, utiliza uma forma que não se confunde. A obra de Drummond mais representativa é *Sentimento do Mundo*, que indica toda a espécie de preocupações sociais e humanas que o absorve. Caracteriza-se, inicialmente, pela apresentação de uma linguagem e de uma forma realmente poéticas; a linguagem de caráter mágico. E esta linguagem mágica faz cada palavra encerrar um significado múltiplo e oscilante; faz cada palavra, um pequeno universo que se prolonga no leitor, que o obriga a continuar nele, participando da experiência e do conhecimento do poeta.

Mário de Andrade possui a imaginação de um homem e a imagem de um movimento literário em sua produção. A obra poética em conjunto de Mário de Andrade estudada por Álvaro Lins possui o título *Poesias*, que contém poemas de 1920 a 1940. Nos poemas duas espécies de motivos se revelam dominantes: o sentimento de sua terra e o seu sentimento íntimo de homem, outro recurso é o pitoresco, no pensamento e na expressão. Percebe-se que a intenção do poeta foi realizar uma arte brasileira, uma arte nacional, refletida ao mesmo tempo nos seus assuntos e no seu vocabulário.

Murilo Mendes traz o positivo e o negativo na sua originalidade poética. O principal livro e uma das mais consideráveis obras de sua poesia contemporânea é a *Poesia em Pânico* que recolheu seus poemas no período de 1936 a 1937. Nesta obra o poeta atingiu uma forma adequada e precisa de expressão para quase todos os poemas, sendo o momento mais alto da sua existência poética. Contudo, uma característica de Murilo Mendes é colocar a poesia no plano metafísico, sobrenatural, o que resulta a deformação da sua visão poética: ver o mundo sobre formas antinaturais,

excêntricas, absurdas, com traços surrealistas, tornando a poesia demasiadamente fria, simplificada e esquemática.

Vinicius de Moraes é uma figura típica do poeta maior, que possui a faculdade de penetrar até o fundo do núcleo dos fenômenos e de revelar o mistério essencial da sua realidade. Mostra tais características na obra *5 Elegias*, pois executa com segurança e firmeza a missão principal do poeta: a de fazer-nos esquecer os aspectos convencionais dos fenômenos pela apresentação de suas realidades transcendentais, essenciais e autênticas, jogando com imagens e símbolos representativos do encontro entre um poeta maior e as forças poéticas do mundo.

Em Cecília Meireles, Álvaro Lins destaca a consciência artística e a beleza formal. A escritora não se subordinou a corrente da poesia moderna, já que se preocupava em encontrar fórmulas de harmonia entre o fenômeno artístico e a essência poética, apurando a técnica e os processos de elaboração. É desta maneira que formula sua obra *Mar Absoluto*, busca a realização estrutural dos seus poemas, construídos mais com a habilidade verbal do que com a imaginação criadora. O que dá um ar de novidade aos seus temas é a forma, a calma e a firme segurança da construção poética, que proporcionam vibração e emoção aos leitores.

Já João Cabral de Melo Neto é inovador, e isto se explica com o próprio título do seu primeiro livro: *O Engenheiro*. Nesta obra o poeta desdenha do que é comum e convencional, procurando fixar os aspectos secretos e originais das coisas. Aproxima-se da pureza e da precisão matemática, em sua interpretação do universo por meio de símbolos, transmitindo com seu estilo imagens magníficas e raras. Percebe-se nos versos de João Cabral uma zona de originalidade, uma individualidade irredutível, uma caracterização rigorosamente particular. O poeta cria seu próprio espaço, a sua maneira inconfundível, o que indica o reconhecimento dos seus poemas mesmo que não estejam assinados. Sem dúvidas João Cabral de Melo Neto criou seu próprio espaço dentro da literatura.

Jorge de Lima, um dos poetas característicos e afamados da geração modernista não representa somente o movimento modernista, mas, sobretudo a tendência regionalista e nacionalista brasileira. O livro *Poemas Negros* é a parte mais representativa e melhor realizada da obra do poeta, que terá sempre um grande lugar na história literária. A sua poesia exprime de modo preciso e artístico alguns aspectos genuínos da vida brasileira, revelando quanto ele compreendera e sentira, tanto o homem como a terra do nordeste. É consolidada com maior intensidade e profundidade a visão do leitor sobre o Brasil com a leitura de poetas dessa espécie.

Outro poeta brasileiro, nacionalista e regionalista é Raul Bopp que marcou sua obra com o nacionalismo no assunto e na linguagem. O poema mais famoso de Raul Bopp é *Cobra Norato*, que representa excelentemente o grupo Antropofagia - uma das correntes modernistas - pelo que revela de “culto à estética instintiva da Terra Nova”, seja na inspiração, ou no tema, ou na linguagem. A

obra *Cobra Norato* possui visível importância por ser uma das produções mais particularizadas e representativas do último movimento modernista. Além disso, se sentirá sempre neste poema bizarro e vitalista, uma imagem de coisas brasileiras através da visão expressionista de um artista originalíssimo.

Augusto dos Anjos, é intitulado pelo crítico um poeta moderno e vivo, sendo sua obra mais expressiva *Eu e Outras Poesias*, que indica certa universalização, uma integração no cosmos, como se o poeta contivesse todas as dores e misérias da espécie humana ali registradas. O poeta recriou sua pobre existência em imagens e símbolos, utilizando certos recursos de primeira ordem e empregando alguns dos melhores processos da arte poética.

A segunda parte “EXPERIÊNCIAS DE HORIZONTE PARA O ROMANCE CONTEMPORÂNEO” e a terceira parte “SAGAS DE CAMPO E CIDADE” tratam dos romancistas, através dos nomes de Octávio de Faria, Lúcio Cardoso, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Gilberto Amado, Clarice Lispector, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Amando Fontes, Antônio Alcântara Machado, Guimarães Rosa, Autran Dourado, Murilo Rubião e Marques Rebelo, percorrendo todas as regiões brasileiras.

Octávio de Faria expressa em suas obras lutas interiores que nasceram com a sua personalidade e que se multiplicam dentro da vida; o seu mundo é dos desesperos, das angústias, dos demônios, o mundo misterioso de luz e sombra. No primeiro volume da *Tragédia Burguesa*, o chamado *Mundos Mortos*, o leitor sente-se dominado por sentimentos humanos e por uma série de perguntas inquietantes, assim como ansiedade, dúvida e temor. O romance de Octávio de Faria é consciente e lúcido em profundidade, portanto trágico. O escritor possui o característico signo da divisão que o separa em duas partes: romancista e escritor de outros gêneros, porém o verdadeiro e único é o romancista. Como ensaísta e como crítico se exprime mal literariamente e detestavelmente nas suas ideias desumanas e fascistas, devido a isto, seus ensaios ficarão apenas ao lado de seus romances como elementos explicativos de um aspecto da sua personalidade.

Álvaro Lins estuda Lúcio Cardoso no momento em que o romance estava vivendo uma época de renovação. No romance deste escritor o elemento predominante é o da análise dos sentimentos e das paixões, que são da carne e do espírito. A análise que ele realiza é para o conhecimento definitivo de determinada situação ou pessoa, visto que parte do princípio de que em todo ser humano existe um mistério, uma vida subterrânea. A elucidação desse mistério, o descobrimento da realidade profunda dos seus personagens é o que constitui a matéria essencial das suas obras. A atmosfera dos seus romances possui um clima de pesadelo em que figuras, acontecimentos, paixões transcendem desde o início, para um plano de intensa dramaticidade e a obra *Luz no Subsolo*, uma de suas mais significativas, revela estas questões.

O escritor José Lins do Rêgo produziu uma obra que tem a finalidade de uma ligação profunda e menos convencional com a terra: os seus personagens, os seus enredos, o seu ambiente social, a sua imaginação, toda a sua vida é a de um homem que sente a sua terra e tem o destino de exprimi-la literariamente. No seu objetivo ele ultrapassa o regionalismo, pois através do seu plano regional, consegue abrir caminho para o plano nacional e para o plano universal. No volume *Ciclo da Cana de Açúcar* está sua obra principal, pela circunstância de representar o engenho, e este, demonstra o que há ainda hoje de mais característico na sua personalidade de homem e de escritor. Pode-se dizer que o autor compõe romances como um acrobata que se equilibra em uma corda: sempre da mesma maneira, mas sempre com o mesmo êxito. A sua criação encontra-se sob o signo exclusivo de dois elementos: a memória e a imaginação; tem-se uma memória muito aguda e uma imaginação muito poética que operam juntas e se desenvolvem em harmonia.

Graciliano Ramos é um exímio autor, nos seus romances tenta confundir o leitor, com análises convergentes, sua figura de escritor e a sua figura de homem. As memórias da vida real explicam o mundo de ficção do escritor, que é um anti-sonhador por excelência, e deu à expressão das suas lembranças um caráter de intransigente realismo. Revela nas suas obras a própria realidade com toda a sua dureza e crueldade, não há nenhuma poesia, nenhum sonho, nenhuma fantasia na infância triste e solitária do romancista. Por não ter se sentido amado e nem vivido uma infância de ternura, Graciliano reagiu com sentimentos de indiferença e desprezo para com a humanidade, escreveu a história da sua infância porque a detesta com amargura. Verifica-se nestas memórias que a atitude do autor em face da vida é a do sarcasmo, produto da revolta de uma sensibilidade maltratada, que reagiu por intermédio da criação de um mundo ficcional em que se projetaram as sombras e as sensações de um pavoroso mundo infantil, literariamente o autor encontrou no gênero das memórias uma forma rara de adequação para a sua arte de escritor e para o seu estilo. Um acontecimento ao mesmo tempo literário e editorial é o aparecimento em conjunto de todas as obras de ficção de Graciliano Ramos, quatro romances e um livro de contos. Mais exata seria a seguinte classificação: dois romances: *Caetés* e *Angústias*; duas novelas: *São Bernardo* e *Vidas Secas*; um volume de contos: *Insônia*. A distinção decorre do espírito de concepção e realização.

Gilberto Amado é caracterizado por Álvaro Lins como um autor que possui diferentes polos, pois todas as suas obras são abertamente desiguais e divididas: de um lado, algumas páginas magníficas, de outro lado, páginas que nada significam. Porém seu romance de estreia *Inocentes e Culpados* pode ser considerado literariamente um coroamento de todas as suas páginas de ensaísta, de conferencista, de crítico de ideias, com as quais se tornou conhecido e tão discutido nos meios culturais brasileiros, uma vez que na obra encontram-se a sua maneira, a sua diversidade e a sua ambivalência.

Um talento que Álvaro Lins predestinou foi Clarice Lispector, que denominou a experiência incompleta devido a ser nesta época, ainda muito jovem. A sua obra *Perto do Coração Selvagem* é o romance brasileiro que de modo mais definido vem se colocar dentro da forma da ficção contemporânea, pelo entrelaçamento do lirismo e do realismo com um conteúdo que lhe veio diretamente da sua natureza humana, tornando-a assim, a primeira experiência definida do moderno romance lírico. Todavia, gera a impressão que de não está plenamente realizado, pois sua estrutura como obra de ficção está incompleta e inacabada. O que mais se destaca no livro é a personalidade da sua autora, estranha, solitária e inadaptada, com uma visão particular e inconfundível. Álvaro Lins frisa que posteriormente Clarice Lispector poderia escrever grandes romances, pois na autora há forças interiores que definem um escritor e um romancista: a capacidade de analisar as paixões e os sentimentos sem qualquer preconceito, os olhos que penetram até os cantos misteriosos do coração, o poder do pensamento e da inteligência, e, sobretudo a audácia na concepção, nas imagens, nas metáforas, nas comparações e no jogo de palavras. O seu recurso de mais efeito é o monólogo interior, é a reconstituição do pensamento em vocábulos.

O autor Érico Veríssimo possui as qualidades do romancista, a consciência do seu ofício e o senso da literatura. A obra *O Resto do Silêncio* demonstra sua técnica: é daquelas que inclinam os romancistas para o lado da análise dos personagens, para a fixação profunda dos seus estados psicológicos. É um livro que bem documenta, sob vários sentidos, o talento seu de escritor.

Jorge Amado é um romancista moderno, possui na sua obra a fixação do regionalismo em termos menos particulares e mais gerais, a fidelidade ao real ao mesmo tempo do que a interpretação do que há de humano e universal nos seres da sua região, e uma preocupação de verossimilhança em acordo com uma preocupação política e social. O livro do escritor *Terras do Sem Fim* possui a capacidade de revelar a sua preocupação com a sociedade em termos de um verdadeiro romance, não coloca em jogo a filosofia política, mas os sentimentos do leitor se coincidem com a realidade diante da situação que está exposta no romance.

Posteriormente Álvaro Lins apresenta Amando Fontes, que no movimento do moderno romance brasileiro, processado na década de 1930, adquiriu uma posição de grande prestígio com a obra *Os Corumbas*. O que valoriza *Os Corumbas*, o que faz deste livro um romance de categoria superior, com um decisivo poder de comoção e aceitação literária é o seu drama, a construção pura e simples da sua história, isto é: o admirável espírito de romancista de Amando Fontes, que se coloca por cima de todas as suas deficiências de estilo, de composição, de gosto e de senso crítico. A obra não possui nada de revolucionário: a narração, o desenvolvimento do enredo, a caracterização dos personagens, tudo se opera dentro da ordem tradicional do romance naturalista, a verdade é que o romance revela a estrutura de uma obra constituída com firmeza e segurança.

Álvaro Lins fala sobre um representante típico do modernismo em prosa: Antônio de Alcântara Machado. A morte do autor interrompeu sua produção, a obra *Mana Maria* foi deixada incompleta, contudo, ela transmite uma espécie de imagem de toda a obra do autor. O livro revela que o escritor começava a se libertar de contingentes limitações para atingir o plano de liberdade, o plano da arte e nele pode-se sentir suas qualidades literárias: seu humor, seu lirismo, sua seriedade de pensamento, seu gosto pelos problemas humanos e sociais, mas sempre ao lado deste reconhecimento se sente a falta do autor, como na obra de alguma coisa, o que torna ambos, autor e obra, objetos incompletos.

O crítico analisa um autor que estava no início de sua produção, mas segundo sua visão, deixou um enorme legado literário para a cultura brasileira. A grande obra que amplia o território cultural de uma literatura, que lhe acrescenta alguma coisa de novo e insubstituível, com um nome de escritor, até pouco ignorado pelo público, que penetra ruidosamente na vida literária para ocupar desde cedo um dos seus primeiros lugares: o livro é *Sagarana* e o escritor é Guimarães Rosa. O escritor apresenta uma autêntica personalidade de artista e o seu livro tem a verdadeira estrutura da criação ficcionista. O livro transmite a impressão de um autor que se encontra no completo domínio dos recursos literários, pelos assuntos, pelo material da construção ficcionista, pela abundância documental, pelo estilo do artista, pela riqueza e ciência do vocabulário, pela capacidade descritiva e pela densidade de situações dramáticas.

Álvaro Lins elenca também o outro lado do regionalismo mineiro nos requintes da linha de Franz Kafka. Waldomiro Autran Dourado com a novela *Teia* entra na atmosfera do mistério à maneira de Kafka, pois este representa a suprema realização em mistérios e símbolos na arte ficcionista.

Outro autor que possui a mesma linha literária de Kafka é Murilo Rubião, que fez de seu livro de contos *Ex-Mágico*, uma obra em que todas as peças são convergentes, ligadas no final, por efeito de uma concepção uniforme, que significa ao mesmo tempo tratar os temas sempre com as mesmas bases e objetivos. É o absurdo que o autor constrói e impõe como lógico.

O autor Marques Rebelo possui uma obra que reflete a vida provinciana do Rio, isto é, o que há de mais genuíno, de mais particular, de mais autêntico na cidade do Rio de Janeiro. Um aspecto significativo para o entendimento da sua criação é o da sua natureza humana. O autor debruça sobre os seus personagens de tal forma que se confundem o criador e a sua criação, é um intérprete da vida carioca, conjugado com os sofrimentos, com as angústias, com as perplexidades dos homens apressados que encontram-se na rua todos os dias.

Na quarta parte “DIONÍSIO NOS TRÓPICOS” o crítico faz um panorama do teatro brasileiro com os autores Nelson Rodrigues e Afonso Arinos de Melo Franco.

Nelson Rodrigues escreveu uma peça que está bem acima do nível geral das representações do teatro brasileiro. O escritor obriga o espectador a participar do espetáculo com o pensamento e a sensibilidade, o que constitui um meio de elevar a categoria artística do público. A obra em questão é *Mulher sem Pecado*. As situações que centralizam a peça vêm da ordem psicológica, a de seres normais e naturais com um distúrbio psicológico que os torna anormais e quase fantásticos. A peça *Mulher sem Pecado* mesmo contendo tantos elementos subjetivos, não esgota os seus recursos no enredo, ao contrário, os seus recursos mais vastos estão nos diálogos, nos conceitos, nas sutilezas das palavras, no conjunto geral. Nelson Rodrigues fez uma peça que se acha dentro das normas da literatura; e que se acha também dentro de normas da mais moderna técnica teatral.

Já o autor Afonso Arinos não é propriamente um poeta, possui sem dúvidas, capacidade de se sentir poeticamente, mas não tem a expressão poética, o dom e a forma para uma realização nesta categoria. Na sua obra *Dirceu e Marília* faltam os elementos essenciais da teatralização, dois requisitos de existência do gênero: a poesia e a ação teatral. O autor apresenta uma intenção de realização que está no prefácio, contudo a realização deveria estar na forma e no conteúdo do drama lírico. O seu propósito foi o de oferecer uma realização literária para a história sentimental de Tomás Antônio Gonzaga.

O crítico finaliza a obra na quinta parte “A LUTA ENTRE JACÓ E O ANJO” com a posição dos intelectuais e críticos influentes na literatura, como: José Veríssimo, Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel Pereira, Mário de Andrade, dentre outros. Álvaro Lins fala sobre o artifício da escrita de obras literárias e o quão importante é o papel dos críticos e estudiosos desta arte para a história e formação da cultura do Brasil.

Para o autor José Veríssimo a crítica era uma magistratura e um professorado, era também um crítico de interpretação e análise, um debatedor de ideias, um suscitador de problemas e equações ideológicas. Ele foi uma consciência literária e uma consciência moral dentro da literatura brasileira, a via como uma imagem de nacionalidade, como a mais característica expressão espiritual de um povo.

Ao analisar Afrânio Coutinho, Álvaro Lins utiliza o volume *Filosofia de Machado de Assis*. A este culto a Machado de Assis, Afrânio Coutinho se entregou com inquietação e entusiasmo – as suas qualidades mais definidas e ostensivas. Verifica-se que é mais pelo sentimento do que pela análise que o ensaísta atinge a obra machadiana, prejudicando-a. Uma qualidade positiva do livro é a excitar a discussão, o debate de ideias e as sugestões. Um aspecto não positivo: é o estilo do autor, sua linguagem, que possui um desequilíbrio completo entre a expressão substancial e a expressão formal.

A autora Lúcia Miguel Pereira levou para os livros de história literária, aquela faculdade de romancista com a faculdade especial da intuição feminina. Penetração psicológica, sensibilidade e estilo de artista são os principais atributos da ensaísta.

Do pequeno número de autênticos modernistas, fazia parte Mário de Andrade. E vinte anos depois mostrou-se orgulhoso dos seus feitos e nada arrependido das suas iniciativas. Ultrapassou o modernismo para ser um moderno, mas seu estado de espírito mudou, suas experiências aumentaram-lhe a visão, as suas ideias se modificaram, sobretudo permaneceu fiel ao ritmo do interior que sempre o impulsionou para a rebeldia e a renovação. Eis o que explica a dramática ansiedade das últimas páginas da sua conferência *O Movimento Modernista*. Aliás, o que constitui o caráter literário de Mário de Andrade é o horror à estagnação e à rotina, a inquietação indomável, o espírito revolucionário. Na conferência *O Movimento Modernista*, Mário de Andrade esclarece sua visão do modernismo, o caráter brasileiro do movimento e o acontecimento que foi a Semana de Arte Moderna de 1922.

Assim, Álvaro Lins encerra seu panorama literário, possibilitando com sua obra uma análise do contexto cultural brasileiro e de suas relações com a literatura, já que, como bem define o autor, a crítica é primordial para o estudo literário: “A criação do crítico lhe vem da possibilidade de levantar, ao lado ou além das obras dos outros, ideias novas, direções insuspeitadas, novos elementos literários e estéticos, sugestões de bom gosto, sistematizações, esquematizações, quadros de valores. Crítica num tríplice aspecto: interpretação, sugestão, julgamento” (LINS, 1946, p. 15). Portanto, *Os Mortos de Sobrecasaca* é considerada uma obra de confluência dos principais pressupostos da crítica de Álvaro Lins e o estabelecimento de um cânone que consolida vinte anos de produção literária do Modernismo, em virtude disto, é de suma importância pensá-la a partir do ponto de vista de uma proposta de sistematização da literatura brasileira, pois os autores consagrados pelo mesmo tornaram-se imortais e aqueles escritores que tiveram potencial premeditado pelo crítico ganharam seu espaço brilhantemente no cenário literário.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Sentimento do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BOLLE, Adélia B. de M. *A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- BRASIL, Antonio. *O pensamento crítico de Álvaro Lins*. Recife: Fundarpe; Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Liv. Martins, 1959.

_____. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 2. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1967.

_____. *Sobre um crítico*. Remate dos males, Campinas, número especial sobre Antonio Candido, p.17.

CARPEAUX, Otto Maria. Álvaro Lins e a Literatura Brasileira. In: *Origens e Fins*. Rio de Janeiro: Edições da Livraria – Ed. Da Casa do Estudante do Brasil, 1943, p. 367-378.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana, 1968-1971. v. 6.

LAFETÁ, João Luiz Machado. *1930: a Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LINS, Álvaro. A liderança literária, o ensaio e a crítica em Mário de Andrade. In: _____. *Filosofia, história e crítica na literatura brasileira: Afrânio Peixoto, João Ribeiro, José Veríssimo, Mário de Andrade, Lúcia Miguel Pereira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967, p. 73.

_____. *Jornal de Crítica*, 1ª série. Rio de Janeiro: Olympio, 1941.

_____. *Jornal de Crítica*, 2ª série. Rio de Janeiro: Olympio, 1943.

_____. *Jornal de Crítica*, 3ª série. Rio de Janeiro: Olympio, 1944.

_____. *Jornal de Crítica*, 4ª série. Rio de Janeiro: Olympio, 1946.

_____. *Jornal de Crítica*, 5ª série. Rio de Janeiro: Olympio, 1947.

_____. *Jornal de Crítica*, 6ª série. Rio de Janeiro: Olympio, 1951.

_____. *Jornal de Crítica*, 7ª série. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1963.

_____. *Notas de um diário de um crítico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

_____. *Os Mortos de Sobrecasaca: obras, autores e problemas de literatura brasileira. Ensaio e estudos 1940-1960*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

MAIA, E. C. *Crítica e Contingência: Uma reavaliação da crítica humanista através do perspectivismo filosófico de José Ortega y Gasset e do personalismo crítico de Álvaro Lins*. 2013. 237 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2013

MARTINS, Wilson. *A Crítica Literária no Brasil*. Volume II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

SUSSEKIND, Flora. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993.

TADIÉ, J. Y. *A Crítica Literária no Século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1992.

TOTI, C. N. “Críticas sobre a crítica de Álvaro Lins”. *Terra roxa e outras terras*, Londrina, v.16. p. 54-62. set/2009.